

## Por que estudar a Cabala?

Por Kadu Santoro

Estamos vivendo em uma época de transformações intensas e constantes, principalmente nas áreas da ciência e tecnologia, e isso parece nos esmagar, gerando muito estresse e ansiedade. A sensação de medo e impotência é constante diante do sentimento de termos pouquíssimo controle sobre os acontecimentos que marcam profundamente e dirigem as nossas vidas, estão nos conduzindo a um grande abismo existencial como nunca antes acontecido na história da humanidade devido a velocidade das informações.

Quando o escopo do que desconhecemos parece se agigantar a cada nova descoberta que fazemos; quando subjugamos uma enfermidade, terminamos uma guerra, superamos um desastre natural, começamos a nos questionar sobre nossos princípios mais fundamentais sobre a nossa existência e a nos interrogar sobre a razão de estarmos aqui.

É importante observarmos o quanto nesses últimos 40 anos, o ocidente têm se voltado para o oriente em busca de respostas para tais questões. De fato, muitas das concepções espirituais e práticas orientais, que as pessoas vêm abraçando em sua busca, podem ser encontradas na Cabala. A antiga tradição esotérica da Cabala continua ressoando de forma verdadeira e atual em nossa era, nos revelando muitas das crenças que por séculos e séculos têm integrado nossa compreensão do universo – crenças sobre a existência de outros níveis de consciência e realidade, sobre a alma e o mundo espiritual e sobre a presença onisciente de Deus em cada pessoa.

Dentro dos ensinamentos da Cabala, encontramos aspectos comparáveis do Budismo Tibetano, do I Ching e o Taoísmo, do Tantra Yoga, entre outros, sem falar na fonte de inspiração dos Hebreus, a sagrada Torá; encontramos ensinamentos que tocam em práticas como a meditação, exercícios de respiração, criação mental, numerologia, astrologia, reencarnação, ressurreição, o sistema energético dos chakras, e até na arte Zen de vivenciar o agora e encontrar nele o maravilhoso do cotidiano. Porém, os conceitos da Cabala não limitam-se à essas práticas espirituais. Os ensinamentos cabalísticos tem tido uma forte relação simbiótica com os filósofos como Pitágoras, Platão, Aristóteles, Descartes, Spinoza e Derrida; de fato, segundo vêm apontando especialistas no assunto como Gershom Scholem, grande parte da cosmologia da Cabala foi tomada de empréstimo aos princípios aristotélicos e neoplatônicos. Vestígios das concepções cabalísticas também podem ser encontrados nas obras de pensadores, poetas, escritores e artistas dos períodos renascentista e modernista, assim como nos pioneiros da psicanálise, S. Freud e C. G. Jung.

Por mais fascinante que seja examinar toda essa mistura existente entre a Cabala e os outros sistemas, e mergulharmos nas questões acerca de quem tomou emprestado de quem, não é o propósito desse artigo, até porque sabemos que a Cabala não surgiu do nada; ela foi fruto das épocas em que surgira e continua sendo contextualizada em nossos dias. Porém, o que essas semelhanças podem nos acrescentar, particularmente aquelas que aparecem em diferentes épocas e lugares, é que há certas verdades universais inevitáveis (arquétipos) que em algum momento todos iremos encontrar. Se várias pessoas de culturas distintas chegam, de forma

independente, a conclusões semelhantes, pensam os Cabalistas, isso só poderá nos dizer que todas estão no rumo certo. Os cabalistas acreditam que todos seguimos caminhos distintos para chegar a um único lugar, a uma única verdade; apesar das variações discretas na rota, em última análise, chegaremos todos a um só destino.

A minha proposta de estudo da Cabala tem como foco principal o autoconhecimento, ou seja, sem conhecermos primeiramente a nós mesmos fica muito difícil entendermos o resto de toda a criação com suas leis imutáveis, como diz um antigo provérbio: quem conhece os outros é sábio, porém, aquele que conhece a si mesmo é iluminado.